



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.015



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

APOSTOLADO: DOM OU POSIÇÃO? UM ESTUDO SOBRE O APOSTOLADO NA PERSPECTIVA DOS DONS DO ESPÍRITO SANTO

Apostolate: gift or position?

A study on apostolate in the perspective of the gifts of the Holy Spirit

Bruno Litz¹

RESUMO

Este artigo foi elaborado com o objetivo de analisar o significado do apostolado no contexto do Novo Testamento, a sua relação com os dons espirituais e as formas pelas quais ele pode ser exercido no ambiente eclesial contemporâneo. A pesquisa ocorreu por meio de consultas feitas a dicionários teológicos, léxicos e obras sobre a teologia paulina, com um destaque especial aos Apóstolos: *a verdade bíblica sobre o apostolado*, escrito por Augustus Nicodemus Lopes. No desenvolvimento do trabalho é demonstrado como o apostolado não se trata de um dom espiritual, mas de uma posição eclesial. Além disso, também foi concluído que o ministério apostólico exercido pelos doze discípulos de Jesus e por Paulo é de natureza única e exclusiva, de forma que seja impossível replicá-lo ou imitá-lo. Somado a isso, há também uma argumentação a favor da continuidade do apostolado no sentido amplo, ou seja, o envio de obreiros por uma comunidade local com o objetivo de cumprir uma missão evangelística pioneira e plantar novas igrejas. Por fim, esta pesquisa também pontuou que um bom ministério apostólico contemporâneo precisa necessariamente ser desenvolvido em cooperação com uma igreja local, com os objetivos de fortalecer o obreiro por meio do cuidado pastoral e evitar os riscos e perigos relacionados ao orgulho e ao desenvolvimento de uma liderança autoritária e dominadora.

Palavras-chave: Apostolado. Dons Espirituais. Novo Testamento. Teologia Paulina.

¹ O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e licenciado em Letras: Português e Inglês pela Unopar. Revisor da revista **Ensaios Teológicos**. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5770-9032> - E-mail: bruno.litz@batistapioneira.edu.br

ABSTRACT

This article was written with the objective of analyzing the meaning of the apostolate in the context of the New Testament, its relation with spiritual gifts and the ways in which it can be exercised in the contemporary ecclesiastical environment. The research was carried out by consulting theological dictionaries, lexicons and works on Pauline theology, with a special highlight on *Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado*, written by Augustus Nicodemus Lopes. In the development of this work, it is demonstrated how the apostolate is not a spiritual gift, but an ecclesiastical position. In addition, it was also concluded that the apostolic ministry exercised by the twelve disciples of Jesus and by Paul is of a unique and exclusive nature, so that it is impossible to replicate or imitate it. Added to this, there is also an argument in favor of the continuity of the apostolate in the broad sense, that is, the sending out of workers by a local community with the goal of fulfilling a pioneering evangelistic mission and planting new churches. Finally, this research also has pointed out that a good contemporary apostolic ministry necessarily needs to be developed in cooperation with a local church, with the aims of strengthening the worker through pastoral care and avoiding risks and dangers related to pride and the development of an authoritarian and domineering leadership.

Keywords: Apostolate. Spiritual Gifts. New Testament. Pauline Theology.

INTRODUÇÃO

Os debates e questionamentos a respeito da natureza e da manifestação dos dons espirituais não se limitam a estudos textuais e exegéticos, mas abarcam também questões práticas, eclesiológicas, doutrinárias e litúrgicas, que fazem com que esse tema seja de fundamental importância para o estudo dos escritos do Novo Testamento e para o desenvolvimento de uma perspectiva realmente bíblica acerca da igreja. Dentro deste contexto, o chamado “dom do apostolado” emerge como um tema particularmente complexo e de difícil compreensão, principalmente pela ausência de textos bíblicos que o conceituem detalhadamente. Além disso, muitas outras dificuldades interpretativas podem surgir quando tal atividade ministerial, sem uma análise mais rigorosa e atenta, é comparada ou igualada indiscriminadamente com a posição apostólica de Paulo e dos doze discípulos de Cristo ou simplesmente aceita como um dos vários dons do Espírito Santo.

Por essas razões, a proposta deste presente artigo é apresentar uma breve definição dos dons espirituais, seguida de uma análise mais aprofundada e detalhada acerca do significado do apostolado, principalmente em comparação à função apostólica histórica relatada no Novo Testamento e às doutrinas relacionadas aos dons do Espírito Santo. Por fim, considerações a respeito das implicações do ministério do apostolado na igreja também serão feitas, com o objetivo de compreender qual é a maneira correta para o exercício de tal atividade dentro do contexto eclesial contemporâneo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa serão consultados dicionários teológicos do Antigo e do Novo Testamento, léxicos da língua grega, materiais de teologia sistemática e teologia bíblica, bem como obras e comentários sobre a teologia e os escritos do apóstolo

Paulo, principal autor bíblico no que diz respeito aos dons do Espírito Santo, e sobre práticas ministeriais e eclesiais.

1. OS DONS ESPIRITUAIS

Antes de conceituar o apostolado, analisá-lo a partir da perspectiva dos dons espirituais e considerar as maneiras pelas quais ele pode ser exercido dentro do contexto eclesial, é necessário compreender corretamente o significado dos termos bíblicos relacionados aos próprios dons espirituais. Por isso, este primeiro ponto será destinado a uma breve abordagem acerca deste tema, com um enfoque especial sobre as palavras gregas originalmente empregadas na escrita dos documentos do Novo Testamento. Tais observações serão úteis para, posteriormente, compreender e analisar o apostolado dentro do contexto dos dons espirituais mais adequadamente.

1.1 Considerações semânticas sobre os dons

Conforme a definição apresentada por Esser no *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, o principal vocábulo grego que, em português, pode ser traduzido como “dom” é *charisma*, expressão que significa “dádiva graciosa” ou “doação”. Além disso, Esser também pontua que *charisma* tem como raiz o termo *char*, que origina palavras referentes a elementos que produzem bem-estar, sendo uma delas *charisamata*, expressão frequentemente empregada nos escritos paulinos e que diz respeito a uma operação especial do Espírito Santo na vida de um cristão visando o serviço comunitário e a edificação da igreja.²

Além dessas observações, algumas considerações sobre o domínio semântico do termo também levam a conclusões relevantes, pois, como é explicado por Louw e Nida, que localizam *charisma* dentro do domínio semântico de ações relacionadas a posses, trocas e transferências, o termo refere-se àquilo “que é dado de graça e generosamente – dádiva, presente gratuito, dom gratuito”.³ Essas constatações também são corroboradas por Barclay, que, ao conceituar *charisma*, afirma que “a ideia básica da palavra é a de um dom gratuito e imerecido, alguma coisa dada ao homem sem trabalho nem merecimento, algo que vem da graça de Deus e que nunca poderia ter sido realizado, galgado ou possuído pelo esforço do próprio homem”.⁴

A partir dessas afirmações, é possível legitimamente declarar que há consenso acadêmico a respeito do significado dos dons como benefícios especiais concedidos única e livremente por Deus ao ser humano. Porém, tais benefícios não podem ser automática e necessariamente associados a questões espirituais, pois, como pontua Turner, o termo

² ESSER, Hans-Helmut. Χάρις. In. COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, vol. 3, p. 907-913.

³ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 507.

⁴ BARCLAY, William. **Palavras chaves do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 40. V.1.

charisma, isoladamente, deve ser compreendido simplesmente como “algo (generosamente) concedido”, de forma que a adição de um adjetivo, como *pneumatikon* (espiritual), seja necessária para que o termo adquira o sentido de “dom espiritual”.⁵ Dessa forma, fica evidente que é de fundamental importância compreender de que maneira essa conexão entre os dons e a atuação do Espírito Santo foi estabelecida nos escritos do Novo Testamento. Tais considerações serão feitas em seguida.

1.2 O aspecto espiritual dos dons

Com relação à identificação dos dons como espirituais, é necessário pontuar a dificuldade que existe no estudo do assunto devido ao fato de o texto bíblico não possuir nenhuma expressão hebraica ou grega equivalente a “dons espirituais”. Como é destacado por Turner, a expressão grega *charismata pneumatika* não é mencionada em nenhuma parte da Septuaginta e do Novo Testamento, aparecendo apenas em sua flexão singular na passagem de Romanos 1.11. Dessa forma, o conceito sistematizado de “dons espirituais” é muito mais uma parte da leitura moderna feita sobre o texto bíblico do que uma ideia presente no contexto original da elaboração dos escritos canônicos.⁶

Essa dificuldade, porém, pode ser contornada pela observação do contexto em que os termos referentes a “dons” e a “espirituais” são utilizados com certa proximidade, sendo o principal caso o texto de 1 Coríntios 12, no qual as palavras *charismata* (dons), *diakonai* (ministérios), *energêmata* (formas de atuação), *phanerôsseis* (manifestações) e *pneumatika* (atos do Espírito) estão presentes. Dessa forma, como conclui Turner, os elementos mencionados por Paulo em 1 Coríntios 12 “representam ‘dons espirituais’ somente porque o contexto declara que são atuações do Espírito, não porque sejam chamados *charismata*”.⁷

Assim, é possível afirmar com segurança que o contexto de certas passagens permite e torna legítimo o estabelecimento de uma relação entre os dons e a atuação do Espírito Santo. Tendo isso em vista, é pertinente observar os apontamentos feitos por Schreiner, que mostra como a multiplicidade de termos empregados em relação aos dons espirituais nas cartas de 1 Coríntios, Romanos e Efésios é teologicamente rica e esclarecedora. Segundo este autor:

Os termos *charisma*, *charis* e *domata* enfatizam o caráter gracioso dos dons. Eles são *dons* – são dados por Deus para o bem do seu povo. As palavras *pneumatika* e *pneumata* e a expressão *phanerôsis tou pneumatos* enfatizam que esses dons são o resultado da obra do Espírito. Nesse sentido, todos os dons são dádivas sobrenaturais de Deus. *Diakonai* manifesta o caráter de serviço dos dons. Esses dons são dados para ajudar outros na fé, ao passo

⁵ TURNER, Max. Dons Espirituais. In. ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (org.). **Novo dicionário de teologia bíblica**. Tradução de William Lane. São Paulo: Vida, 2009, p. 696-697.

⁶ TURNER, In. ALEXANDER; ROSNER (org.), 2009, p. 693.

⁷ TURNER, In. ALEXANDER; ROSNER (org.), 2009, p. 696-697.

que *energēmata* indica que os resultados concretos são observados na vida cotidiana por causa dos dons.⁸

Por fim, após as considerações linguísticas acerca do significado do termo “dom” no contexto bíblico original e as observações sobre a forma pela qual tal termo se relaciona com a atividade do Espírito Santo na igreja, é relevante ainda consultar algumas definições teológicas que sumarizam o conteúdo até então apresentado e esclarecem o propósito dos dons no contexto eclesial. Tais definições serão brevemente expostas em sequência.

1.3 Definições teológicas sobre os dons espirituais

Cerfaux, de forma objetiva, define os dons como “o sinal da presença do Espírito na comunidade”⁹, o que evidencia a centralidade da obra do Espírito Santo em relação aos dons. Com igual objetividade, mas mais profundidade. Ferreira afirma que os dons espirituais são os elementos que concedem vida orgânica interior e forma visível exterior à igreja, servindo como ferramentas empregadas por Cristo para estabelecer, ampliar e manter seu Reino, de forma que a vida eclesial autêntica não seja possível sem o exercício dos dons do Espírito Santo.¹⁰

Apresentando uma afirmação mais abrangente, Grudem, em sua *Teologia Sistemática*, conceitua os dons como quaisquer talentos potencializados pelo Espírito Santo e usados no ministério da igreja. Mesmo que esta definição seja simples, como o próprio autor reconhece, ela é ampla o suficiente para abarcar tanto os dons relacionados a talentos naturais (tais como ensino, misericórdia e administração) quanto os que parecem possuir características sobrenaturais e menos relacionadas a capacidades humanas convencionais (tais como profecia, cura ou discernimento de espíritos).¹¹

Grudem também menciona o propósito dos dons, equipar a igreja para que ela desenvolva seu ministério até a volta de Cristo. Além disso, os dons devem proporcionar para os cristãos no presente uma experiência de antegozo parcial das bênçãos que serão experimentadas na era vindoura. Assim, os dons são ferramentas que capacitam a igreja para o cumprimento de sua missão, ao mesmo tempo que a permitem vivenciar na atualidade a futura realidade escatológica.¹² Por fim, o referido teólogo também destaca a multiplicidade e a diversidade de dons apresentados no Novo Testamento.

Conforme Grudem, os textos bíblicos de 1 Coríntios 12.28, 1 Coríntios 12.8-10, Efésios 4.11, Romanos 12.6-8, 1 Coríntios 7.7 e 1 Pedro 4.11 permitem a conclusão de que até 22 dons

⁸ SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 322-323.

⁹ CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003, p. 309.

¹⁰ FERREIRA, Franklin. Paulo e sua compreensão da igreja. In. REGA, Lourenço Stelio (org.). **Paulo, sua vida e sua presença, ontem, hoje e sempre**. São Paulo: Vida, 2004, p. 220.

¹¹ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. Vários tradutores. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 859.

¹² GRUDEM, 2010, p. 861-862.

espirituais diferentes existam.¹³ Tal contagem demonstra como os dons não podem ser compreendidos como itens de uma lista fechada e inflexível, mas como as diferentes operações sobrenaturais do Espírito Santo, que podem se manifestar de formas variadas em contextos distintos. Diante das considerações feitas até então, que fornecem uma perspectiva ampla e detalhada acerca dos dons espirituais, é possível prosseguir para a análise do apostolado, que em seguida será realizada.

2. O APOSTOLADO

Para uma compreensão adequada do significado da tarefa ministerial do apostolado, é preciso considerar os termos bíblicos originais empregados para a descrição dessa função e observar de que maneira este ministério foi exercido no Novo Testamento. Por isso, este ponto será destinado à análise das expressões originalmente utilizadas em referência ao ministério apostólico e dos exemplos bíblicos de pessoas que exerceram o apostolado. Além disso, também serão feitas considerações acerca da classificação do apostolado como uma posição eclesiástica ou como um dom espiritual. Tal estudo é imprescindível para um entendimento correto de tal ministério, que fornecerá os princípios necessários para o seu devido exercício dentro do contexto eclesiástico.

2.1 O apostolado na linguagem bíblica

Conforme Lopes, o termo ἀπόστολος (*apóstolos*) ocorre 81 vezes no texto grego do Novo Testamento, sendo que 36 dessas aparições estão nos escritos lucanos. Quanto ao seu significado, este teólogo destaca que o sentido básico da expressão é “enviado”, e que tal termo já era conhecido antes de ser empregado pelos autores bíblicos, embora sua utilização fosse rara. Em suas palavras:

No mundo antigo, a palavra “apóstolo” tinha a ver com expedições marítimas, especialmente as de natureza militar, conforme registradas nos escritos de vários autores gregos da antiguidade. Significava simplesmente os navios que eram enviados em missões militares; uma expedição naval. Depois, veio a ser aplicado ao grupo de expedicionários que povoavam uma localidade e, posteriormente, ao comandante daquele grupo. Embora a ideia de enviar ou enviado esteja presente, nenhum destes usos corresponde à maneira como a palavra é usada no Novo Testamento, pois lhes falta o componente de enviados com autoridade e com poderes de representação. O sentido geral era simplesmente o de alguém que era um emissário.¹⁴

Assim, como é explicado por Lopes, uma compreensão adequada do termo ἀπόστολος (*apóstolos*) não pode ser obtida tendo como referência apenas os documentos da antiguidade grega, pois também é preciso levar em consideração as expressões hebraicas do Antigo

¹³ GRUDEM, 2010, p. 863.

¹⁴ LOPES, Augustus Nicodemus. **Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado.** São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 21-22.

Testamento que deram origem a essa palavra. Acerca disso, Lopes argumenta que o termo hebraico *שָׁלַח* (*shālah*), que significa “enviar”, é de extrema importância, pois tal palavra se referia ao conceito de representação autorizada no Antigo Oriente e, na Septuaginta, foi traduzida como *ἀποστέλλω* (*apostéllō*) verbo que também significa “enviar” e que dá origem à palavra *ἀπόστολος* (*apóstolos*).¹⁵

Austel, ao tratar especificamente do termo *shālah*, no *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, argumenta que, além da palavra significar “enviar”, o verbo também pode ser traduzido como “mandar embora”, “deixar ir”, “soltar”, “espalhar”, “esticar”, “estender”, “lançar” e “acender”. Quanto ao seu primeiro significado, *shālah* pode se referir ao envio de uma pessoa para algum lugar (Gênesis 28.5; 37.13), de objetos, tais como: tributo (Jz 3.15), de cartas (1Rs 21.8; 2Rs 5.5) e de representantes e embaixadores autorizados (Is 6.8; Jr 1.7; 25.4; 26.5; 35.15; Ez 2.34; Jz 6.8), sendo que esta última forma de utilização do verbo se assemelha muito à maneira pela qual o termo *ἀπόστολος* (*apóstolos*) é empregado no Novo Testamento, pois os apóstolos de Jesus foram enviados como seus representantes legítimos e autorizados.¹⁶ Uma vez que as considerações a respeito do significado do apostolado na linguagem bíblica foram feitas, é possível prosseguir para as observações a respeito de como o ministério apostólico foi exercido no contexto do Novo Testamento.

2.2 O ministério apostólico no Novo Testamento

Como é explicado por Lopes, o ministério apostólico no Novo Testamento pode ser compreendido de diferentes maneiras. Em primeiro lugar, os apóstolos foram aqueles que formaram o grupo dos doze seguidores mais próximos de Cristo. Neste contexto, Lopes afirma que:

Fazer parte dos doze significava ter sido chamado pessoalmente por Jesus para estar com ele diariamente em seu ministério itinerante pela Galileia e Judeia, ter recebido autoridade e poder para realizar sinais e prodígios, expulsar demônios em seu nome, pregar a proximidade do Reino dos céus e representar Jesus como enviado dele para o anúncio desta mensagem.¹⁷

Mesmo que este grupo tenha sido originalmente composto pelos doze discípulos escolhidos durante o ministério terreno de Jesus, é válido destacar que Paulo, apesar de não ter sido um deles, também deve ser considerado como um apóstolo desta categoria. Isto ocorre porque Paulo cumpriu as exigências necessárias para ser um apóstolo, isto é, viu o Cristo ressurreto e foi comissionado pelo próprio Jesus. Dessa forma, como conclui Lopes, Paulo não deve ser compreendido como o inaugurador de uma segunda geração de apóstolos,

¹⁵ LOPES, 2014, p. 25.

¹⁶ AUSTEL, Hermann J. *שָׁלַח*. In. HARRIS, Laird; ARCHER JR., Gleason; WALTKE, Bruce (org.). *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1567.

¹⁷ LOPES, 2014, p. 42-43.

dando origem assim a uma série de novos sucessores. Ele, porém, juntamente com os doze, integrou um grupo restrito, que já desempenhou o seu papel na história, e cujas atribuições não foram transmitidas a outras pessoas.¹⁸

Com relação às atribuições e propósitos específicos de tal grupo apostólico, podem ser principalmente destacadas as tarefas de estabelecer os fundamentos doutrinários da igreja, registrar por escrito o testemunho acerca da obra de Cristo e a interpretação do significado de sua morte e ressurreição e chancelar a concessão do Espírito Santo para os gentios convertidos. Quanto ao estabelecimento dos fundamentos doutrinários da igreja, existem passagens que enfaticamente demonstram como esta foi uma responsabilidade exclusiva dos apóstolos (2Pe 3.2; Ef 2.20; 3.5; Ap 21.14), que a cumpriram por meio da pregação. É por esta razão, inclusive, que é afirmado que a igreja perseverava na “doutrina dos apóstolos” (At 2.42), pois a comunidade cristã primitiva tinha como fundamento teológico os ensinamentos que haviam sido transmitidos pelos doze e, posteriormente, por Paulo. Desta forma, é evidente que tal atribuição apostólica cessou no século I, pois desde os fundamentos da igreja já estão lançados e devidamente estabelecidos.¹⁹

Uma outra tarefa exclusiva deste grupo apostólico foi o registro textual do testemunho acerca de Cristo e do significado teológico de seu sacrifício e ressurreição. Dessa forma, os apóstolos, e algumas pessoas próximas e relacionadas a eles, foram os responsáveis pela escrita dos documentos canônicos do Novo Testamento. Assim, quando tal escrita foi finalizada e o cânon fechado e concluído, tal atribuição apostólica também cessou.²⁰

Por fim, outro componente fundacional do ministério apostólico original foi a transmissão do Espírito Santo para os gentios convertidos e a inclusão deles na igreja cristã que, em seu início, era totalmente judaica. Tal processo de inclusão foi representado externamente pela concessão da mesma experiência que os apóstolos tiveram no dia de Pentecostes, em Jerusalém. Esta experiência, por sua vez, acompanhada por sinais como falar em línguas e profetizar, era dada por meio da imposição das mãos dos apóstolos. Como pode ser observado no livro de Atos, o recebimento do Espírito Santo pelos samaritanos e a entrada destes na igreja foram confirmados pela ação apostólica (At 8.14-16), da mesma maneira que ocorreu com os gentios da casa de Cornélio (At 10.44-47; 11.15-18) e com os discípulos de João Batista em Éfeso (At 19.1-7). Conforme é defendido por Lopes, esses três episódios concluem a tarefa apostólica de conceder o acesso à igreja para todas as nacionalidades, de maneira que seja desnecessário o surgimento de mais apóstolos à semelhança de Paulo e dos doze.²¹

Entretanto, mesmo que o ministério apostólico daqueles que foram pessoal e diretamente comissionados por Jesus tenha tido características únicas e incomparáveis, há outros indivíduos que também são descritos como *ἀπόστολος* (*apóstolos*) no texto do Novo

¹⁸ LOPES, 2014, p. 87.

¹⁹ LOPES, 2014, p. 55-56.

²⁰ LOPES, 2014, p. 56.

²¹ LOPES, 2014, p. 58-59.

Testamento e cujo ministério e atribuições precisam ser considerados e analisados. Tais pessoas são Tiago, o irmão de Jesus (Gl 1.19; 1Co 15.7), Barnabé (1Co 9.6; At 14.4,14), Silvano e Timóteo (1Ts 1.1; 2.7), Apolo (1Co 4.6,9), Andrônico e Júnias (Rm 16.7) e Epafrodito (Fp 2.25). Além destes casos, em que indivíduos específicos são identificados, há também menções a apóstolos num sentido mais geral e amplo em outros textos (1Co 9.5; 15.7,9; 2Co 8.23; Gl 1.18).²²

Para estes casos, Lopes argumenta que a palavra *ἀπόστολος* (*apóstolos*) não é empregada com o mesmo significado que possui quando se refere aos doze e a Paulo, mas é utilizada no sentido mais amplo do termo, como enviados, delegados, representantes, missionários e mensageiros das igrejas na execução de uma missão. Assim, as funções ministeriais dos apóstolos desta categoria não cessaram, mas puderam ser repetidas e reproduzidas pelos cristãos ao longo da história. Nas palavras de Lopes:

O único sentido em que o termo “apóstolo” poderia ser usado hoje é aquele de missionário pioneiro e desbravador de novos campos, que levam o Evangelho às nações. Foi assim que o título foi usado algumas vezes no decorrer da história da igreja cristã, como por exemplo, “Bonifácio, apóstolo dos germanos” (680-754 d.C.). Há uma longa lista destes pioneiros chamados de “apóstolos,” cujos nomes estão sempre associados aos locais onde levaram o cristianismo como pioneiros ou onde ajudaram a sua propagação.²³

Acerca do apostolado no sentido amplo, Williams também apresenta contribuições muito pertinentes e significativas. Nas palavras deste teólogo:

Nesse sentido mais amplo, apóstolo é o *enviado*, o *comissionado*, e, portanto, alguém que não se estabelece num local específico ou numa igreja. Ele não tem a autoridade de um apóstolo original nem são as suas palavras igualmente inspiradas. Esse apóstolo exerce um ministério itinerante, mas não independente. Ele está baseado numa igreja e a representa, porém, ministrando em grande parte num campo mais amplo. *Esses apóstolos são sempre essenciais à vida da igreja que compreende seu chamado para ir além de si mesma no cumprimento de sua missão.*²⁴

A partir das considerações feitas, é possível compreender como o ministério apostólico foi exercido no contexto do Novo Testamento, não apenas com relação aos seguidores mais próximos de Cristo, mas também em referências às demais pessoas que deram continuidade à missão apostólica de evangelização. Dessa maneira, resta apenas observar de que maneira o apostolado se relaciona com os dons espirituais. Tal análise será feita em seguida.

²² LOPES, 2014, p. 109.

²³ LOPES, 2014, p. 132.

²⁴ WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Tradução de Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Vida, 2011, p. 888.

2.3 O apostolado e os dons espirituais

Conforme Grudem, a menção do apostolado como um dom espiritual pode ser vista nas listas presentes em 1 Coríntios 12.28 e Efésios 4.11.²⁵ Tal identificação do apostolado como um dom nestas passagens, porém, pode ser questionada e reavaliada. Quanto ao texto de 1 Coríntios 12.28, como é explicado por Lopes, é possível perceber uma divisão na lista apresentada. Na primeira parte, marcada pelos termos “primeiramente... segundo... terceiro”, Paulo menciona os apóstolos, profetas e mestres, pessoas estabelecidas por Deus na igreja como seus ministros. Tais indivíduos ocupam uma posição eclesiástica de proeminência e de maior importância em relação ao que é mencionado na segunda parte da lista, os dons. Dessa forma, Lopes argumenta que nem todos os termos apresentados em 1 Coríntios 12.28 devem ser compreendidos como dons espirituais, pois Paulo inicia o versículo citando ofícios e cargos, não dons.²⁶

Além disso, Lopes também declara que os apóstolos citados nesta lista se trata dos doze e do próprio Paulo. Tal declaração é baseada no fato de que, em quase todas as ocorrências do termo *ἀπόστολος* (*apóstolos*) na carta, a referência é a Paulo, como apóstolo de Jesus (1Co 1.1; 9.1-2; 15.9) e aos doze (1Co 4.9; 15.7), com apenas uma exceção (1Co 9.5). Dessa forma, os *ἀπόστολος* (*apóstolos*) citados em 1 Coríntios 12.28 não são apóstolos no sentido amplo, como pessoas enviadas de uma igreja para a execução de uma missão, mas são os apóstolos estabelecidos por Cristo para a função de transmitir a revelação divina, estabelecendo os fundamentos doutrinários da igreja. Assim, a função apostólica mencionada em 1 Coríntios 12.28 não se trata de um dom cuja operação permaneceu em exercício ao longo da história, mas se refere ao ministério dos doze e de Paulo.²⁷

Com relação ao texto de Efésios 4.11, algumas considerações também precisam ser feitas. Mesmo que em versículos anteriores ocorram menções aos dons, como acontece nos versículos 7, com *χάρις* (graça), e 8, com *δώρα* (dons), não é necessário que Paulo trate do mesmo assunto no versículo 11. Como Lopes explica, é perfeitamente possível que em Efésios 4.11 Paulo não esteja discorrendo sobre os dons, mas sobre as pessoas que recebem estes dons, juntamente com a menção do ministério ou ofício que exercem.²⁸

Além disso, também é válido ressaltar que, na carta em questão, a palavra *ἀπόστολος* (*apóstolos*) ocorre em três passagens além de Efésios 4.11. Numa dessas passagens Paulo faz referência a si mesmo (Ef 1.1) e, nas outras duas ocasiões, o termo é aplicado para os apóstolos comissionados por Cristo (Ef 2.20; 3.5).²⁹ Tendo isso em vista, é possível avaliar a conclusão de Stott como verdadeira e legítima. Nas palavras deste autor:

Aqui, a palavra apóstolos não é um termo genérico para os missionários ou os implantadores de igrejas, ou bispos ou outros líderes da igreja. Pelo

²⁵ GRUDEM, 2010, p. 863.

²⁶ LOPES, 2014, p. 140-141.

²⁷ LOPES, 2014, p. 143-145.

²⁸ LOPES, 2014, p. 152.

²⁹ LOPES, 2014, p. 151.

contrário, denota aquele grupo pequeno e especial que Jesus escolheu, chamou e autorizou a ensinar em seu nome, e que foram testemunhas oculares da sua ressurreição, e que consistia nos Doze, mais Paulo e Tiago, e talvez um ou dois outros. Acreditavam que a igreja aceitaria com fé e conservaria o que ensinavam, e esperavam que a igreja obedecesse ao que ordenavam.³⁰

Assim, a partir de tais considerações, é adequado concluir que, tanto em 1 Coríntios 12.28 quanto em Efésios 4.11, Paulo não se referiu ao apostolado como um dom espiritual, mas como uma posição eclesiástica ocupada principalmente por ele e pelos doze, num sentido restrito. Entretanto, outras passagens do Novo Testamento permitem a conclusão de que também existiram apóstolos no sentido amplo do termo, ou seja, indivíduos enviados por uma igreja local com o objetivo de cumprir determinada missão. Dessa forma, como o apostolado no sentido restrito foi uma exclusividade dos doze e de Paulo, ele não pode ser replicado. O apostolado no sentido amplo, porém, não apenas foi posto em prática ao longo da história do cristianismo, como também pode ser exercido pela igreja atual através do trabalho missionário. Por essas razões, as considerações que serão feitas no ponto seguinte, destinado à análise da maneira pela qual o apostolado pode ser praticado no contexto eclesiástico atual, estarão exclusivamente baseadas nesta segunda e mais ampla categoria de apostolado.

3. A PRÁTICA DO APOSTOLADO NO CONTEXTO ECLESIASTICO

A partir das conceituações e definições feitas até então acerca do apostolado e de sua relação com os dons espirituais, é possível analisar de que maneira o ministério apostólico pode ser exercido e posto em prática no contexto eclesiástico contemporâneo. Para tal análise, serão feitas considerações a respeito das características do indivíduo que pode assumir tal ofício, do que é preciso ser desenvolvido para que tal serviço seja feito de forma frutífera e dos perigos que podem surgir no exercício de tal função.

3.1 Os requisitos para o ministério apostólico contemporâneo

Conforme a definição elaborada por Williams e previamente apresentada, um apóstolo, por ser um enviado, um comissionado por uma igreja local para o cumprimento de uma missão, precisa necessariamente estar vinculado a uma comunidade cristã. Dessa forma, a existência de um ministério apostólico independente e autônomo é completamente inconcebível e estranha ao ensino do Novo Testamento, e a colaboração com uma igreja local é indispensável para que este trabalho seja realizado da maneira correta.³¹

Além disso, como o apostolado no sentido amplo pode ser compreendido como o ofício missionário contemporâneo, principalmente no que se refere a trabalhos pioneiros, também é relevante observar o que é afirmado sobre as características e requisitos necessários de um

³⁰ STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios: a nova sociedade de Deus.** Tradução de Gordon Chown. 6.ed. São Paulo: ABU, 2001, p. 72-73.

³¹ WILLIAMS, 2011, p. 888.

candidato ao envolvimento em missões.³² A respeito deste assunto, como é explicado por Johnson, é de extrema importância que os membros de uma igreja local façam uma avaliação minuciosa do caráter daquele que será enviado pela comunidade para o campo missionário com o objetivo de anunciar e proclamar o evangelho. Como fundamentação bíblica, este teólogo cita as cartas pastorais de Paulo, afirmando que:

Em 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9, o apóstolo Paulo nos oferece duas listas de qualidades de caráter essenciais para os presbíteros que, de certa forma, devem ser características de todos os que enviamos como missionários, sejam eles presbíteros ou não. Claro, queremos ser realistas e permitir espaço para o crescimento. Contudo, a não ser que uma equipe missionária queira assumir alguém que precise desenvolver o caráter de forma significativa, devemos ter a coragem de falar para determinadas pessoas: “Ainda não”.³³

Johnson também enfatiza que aqueles que se candidatam à obra missionária, isto é, o ministério apostólico contemporâneo, precisam demonstrar que já estão desenvolvendo em suas vidas os frutos que são esperados para o campo. Assim, as igrejas locais, antes de realizarem um investimento financeiro e o envio formal dos missionários, precisam notar que tais pessoas já têm exercido em suas vidas as práticas de evangelismo e de discipulado que deverão ser desenvolvidas no futuro. Por fim, Johnson também apresenta como requisitos essenciais para o envio de alguém ao campo a preparação teológica e o conhecimento bíblico. Este autor descreve tais características como exigências, pois, para a prática do apostolado moderno, é necessário que o missionário primeiramente creia na “doutrina dos apóstolos” (At 2.42) antes de ensiná-la para outros.³⁴

Com relação ao perfil e à personalidade da pessoa que busca realizar o ofício apostólico, algumas considerações também precisam ser feitas. Por isso, mesmo que Robinson compreenda o apostolado como um dom, uma interpretação previamente comprovada como inadequada, os seus comentários sobre o assunto são relevantes. Segundo este autor, os indivíduos enviados por uma igreja local com o objetivo de evangelizar povos não alcançados ou de plantar uma nova comunidade precisam ter boas capacidades de relacionamento interpessoal com as mais diferentes pessoas, até mesmo com aqueles que se posicionam enfaticamente contra o cristianismo. Além disso, tais indivíduos também precisam ser capazes de evangelizar de forma clara e objetiva, anunciando o conteúdo da fé cristã de forma adequada e coerente.³⁵

Além desses fatores, Robinson também destaca outras características e habilidades que são necessárias para que alguém possa desenvolver e realizar um bom ministério apostólico/missionário. Em suas palavras:

³² LOPES, 2014, p. 150.

³³ JOHNSON, Andy. **Missões**: quando a igreja local se torna global. Tradução de Ubevaldo G. Sampaio e Abner Arrais. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 40.

³⁴ JOHNSON, 2018, p. 41-42.

³⁵ ROBINSON, Darrell W. **Igreja**: celeiro de dons. Tradução de Maysa Monte. Rio de Janeiro: JUERP, 2000, p. 99.

Um apóstolo deve ter visão sobre o que Deus fará para expandir a Sua obra. As características de um apóstolo incluem: fé para crer em Deus em circunstâncias difíceis; a capacidade de perceber oportunidades para penetrar uma área e um grupo social/cultural com o evangelho; a criatividade e a flexibilidade para empregar métodos novos e muitas vezes pouco comuns a fim de alcançar as pessoas e iniciar igrejas; a habilidade administrativa para liderar e organizar uma igreja; a persistência para levar adiante a tarefa; a habilidade evangelística para levar o perdido pessoalmente ao conhecimento de Cristo, para equipá-lo e para inspirar novos crentes a testemunhar de Cristo.³⁶

Dessa forma, como também é corroborado por Lopes, que, ao falar sobre o ofício apostólico amplo, afirma que as pessoas que o exercem precisam ser capacitadas pelo Espírito Santo com dons espirituais, fica evidente que este ministério precisa ser desenvolvido em completa dependência e confiança em Deus.³⁷

A partir de tais considerações, é possível compreender que o apostolado, no contexto eclesial contemporâneo, é posto em prática por meio do trabalho missionário e não nos mesmos moldes do ministério apostólico neotestamentário. Por fim, é pertinente ainda ressaltar alguns riscos e perigos que precisam ser evitados em seu exercício.

3.2 Riscos e perigos na prática do apostolado contemporâneo

Conforme Lopes, que veementemente critica o chamado *Movimento de Restauração Apostólica*, mesmo que o termo apóstolo possa ser legitimamente aplicado para alguém enviado por uma igreja para realizar um trabalho missionário, é necessário tomar cuidado com o orgulho e a arrogância que normalmente acompanham a reivindicação deste título. Por esta razão, ele também argumenta a favor do uso do título de missionário no lugar de apóstolo, para evitar confusões e comparações inadequadas com o apostolado dos doze e de Paulo.³⁸ A respeito disso o comentário de Grudem também é muito relevante, pois, nas palavras deste teólogo:

É digno de nota que nenhum dos grandes nomes na história da igreja – Atanásio, Agostinho, Lutero, Calvino, Wesley e Whitefield – assumiu o título de “apóstolo” ou permitiu que o chamassem apóstolo. Se alguns nos tempos modernos querem atribuir a si o título apóstolo, logo levantam a suspeita de que são motivados por um orgulho impróprio e por desejos de auto exaltação, além de excessiva ambição e desejo de ter na igreja mais autoridade do que qualquer outra pessoa deve corretamente ter.³⁹

Semelhante a esse perigo destacado por Lopes e por Grudem, Johnson também menciona que aqueles que se envolvem na obra missionária pioneira e se dedicam à plantação

³⁶ ROBINSON, 2000, p. 99-100.

³⁷ LOPES, 2014, p. 147.

³⁸ LOPES, 2014, p. 238.

³⁹ GRUDEM, 2010, p. 764.

de novas igrejas podem cair no erro de se imporem como líderes autoritários, menosprezando a cultura do local em que as missões estão sendo desenvolvidas.⁴⁰ Além disso, tais pessoas podem cometer o erro de tentarem realizar um ministério independente e desassociado de uma igreja local, o que é incongruente com a própria definição bíblica de um apóstolo, alguém que é enviado como um representante de uma comunidade local e incumbido de cumprir uma missão evangelística.⁴¹

Por sua vez, Robinson destaca que a pessoa que desempenha o ofício apostólico pode acabar abandonando os princípios bíblicos de evangelismo e discipulado por conta de uma preocupação excessiva com estratégias e metodologias de crescimento eclesial. Este autor também destaca que mesmo que um apóstolo seja hábil para iniciar a plantação de uma igreja, ele talvez não tenha as capacidades necessárias para administrá-la e orientá-la a longo prazo, de forma que seja necessário conceder espaço para o desenvolvimento de novas lideranças, o que para muitos indivíduos é uma grande dificuldade.⁴²

Além disso, Robinson também enfatiza que o ministério apostólico pode causar dificuldades e problemas pessoais caso não seja conduzido e exercido com responsabilidade e cuidado. Um plantador de igrejas, por exemplo, pode acabar investindo as suas finanças pessoais e familiares na obra, o que pode gerar prejuízos e conflitos de relacionamento. Somado a isso, devido à intensidade do serviço apostólico e ao compromisso que ele exige daqueles que com ele se envolvem, o esgotamento e os desgastes emocional e espiritual sempre são perigos contra os quais a prevenção é imprescindível.⁴³ Por tais razões, Johnson também elenca o cuidado pastoral com os obreiros enviados ao campo como uma das principais necessidades para que o trabalho missionário seja duradouro e frutífero.⁴⁴

A partir de tais considerações, foi possível compreender quais são os riscos e perigos que devem ser evitados no exercício do ofício apostólico no contexto eclesial contemporâneo e identificar as formas de prevenir tais dificuldades e problemas. Dessa forma, em seguida serão apresentadas as considerações finais deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises feitas a respeito do apostolado na perspectiva dos dons espirituais, foi possível concluir que este não se trata de um dos dons dados pelo Espírito Santo, mas de um ofício ou uma posição eclesial. Tal posição foi inicialmente ocupada pelos doze e por Paulo, num sentido restrito e exclusivo, porém, num sentido amplo, pode também ser ocupada por todos aqueles que são enviados por uma comunidade cristã local com o objetivo de cumprir uma missão evangelística pioneira ou plantar novas igrejas.

⁴⁰ JOHNSON, 2018, p. 71.

⁴¹ WILLIAMS, 2011, p. 888.

⁴² ROBINSON, 2000, p. 100.

⁴³ ROBINSON, 2000, p. 100.

⁴⁴ JOHNSON, 2018, p. 50.

Dessa forma, foi ressaltado que o ministério apostólico realizado no contexto eclesial contemporâneo não pode ser compreendido como uma extensão do ministério apostólico do Novo Testamento, pois os apóstolos originais desempenharam funções únicas e específicas, principalmente no que diz respeito ao estabelecimento dos fundamentos doutrinários da igreja, ao registro por escrito das revelações divinas e à confirmação da concessão do Espírito Santo para os gentios convertidos. O ministério apostólico contemporâneo, porém, não possui tais atribuições e é desenvolvido principalmente por meio do envolvimento com os trabalhos missionários pioneiros e com a plantação de novas igrejas. Assim, também pode ser afirmado que o uso do título de missionário é preferível à titulação de apóstolo.

A partir da compreensão do apostolado contemporâneo, foi também possível concluir que, para que ele seja exercido de forma correta e adequada, é preciso que exista uma cooperação verdadeira com uma igreja local. Esta comunidade local, por sua vez, antes de realizar o envio formal do apóstolo/missionário, precisa comprovar a irrepreensibilidade do caráter do candidato e a sua aptidão para o ministério. Por meio dessa cooperação, o enviado ao campo também precisa se manter sujeito à igreja que o enviou, também recebendo dela o cuidado pastoral necessário para o desenvolvimento de seu trabalho. Por fim, é válido afirmar que a pesquisa desenvolvida e produzida neste trabalho pode contribuir para a área de estudos teológicos do Novo Testamento, principalmente com relação às disciplinas relacionadas à Eclesiologia e à Teologia Paulina, por conta das informações destacadas sobre os escritos de Paulo e sobre os dons espirituais e sobre o ofício apostólico.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. (org.). **Novo dicionário de teologia bíblica**. Tradução de William Lane. São Paulo: Editora Vida, 2009. 1264 p.
- BARCLAY, William. **Palavras chaves do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p. V.1.
- CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003. 614 p.
- COENEN, Lothar; BROWN, Colin (org.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1360 p.
- GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. Vários tradutores. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010. 1080 p.
- HARRIS, Laird; ARCHER JR., Gleason; WALTKE, Bruce (org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1824 p.
- JOHNSON, Andy. **Missões: quando a igreja local se torna global**. Tradução de Ubevaldo G. Sampaio e Abner Arrais. São Paulo: Vida Nova, 2018. 160 p.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Apóstolos**: a verdade bíblica sobre o apostolado. São José dos Campos: Fiel, 2014. 383 p.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 786 p.

REGA, Lourenço Stelio (org.). **Paulo, sua vida e sua presença, ontem, hoje e sempre**. São Paulo: Vida, 2004. 410 p.

ROBINSON, Darrell W. **Igreja**: celeiro de dons. Tradução de Maysa Monte. Rio de Janeiro: JUERP, 2000. 175 p.

SCHREINER, Thomas R. **Teologia de Paulo**: o apóstolo da glória de Deus em Cristo. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2015. 479 p.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**: a nova sociedade de Deus. Tradução de Gordon Chown. 6.ed. São Paulo: ABU, 2001. 224 p.

WILLIAMS, J. Rodman. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Tradução de Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Vida, 2011. 1211 p.